

# O APRENDIZADO DE LÍNGUAS AO LONGO DE UM SÉCULO:

---

*Ricardo Schütz emb@sk.com.br*  
*Atualizado em 22 de fevereiro de 2007*

## • UMA HISTÓRIA DO SÉCULO PASSADO

Por volta de 1880, o francês François Gouin, homem de meia-idade, resolve aprender a falar alemão. Se estabelece então na cidade de Hamburgo, longe de seus conterrâneos, e lá permanece durante um ano. Só que em vez de procurar se integrar à sociedade alemã, fazendo amizades e convivendo com pessoas, ele se aprofunda numa série de tentativas de dominar a língua através do estudo da gramática e da decoreba de palavras em grande quantidade.

Assim que chega em Hamburgo, François se entrega com devoção ao seu primeiro projeto: decorar uma gramática de alemão junto com uma tabela de 248 verbos irregulares! Alcança seu intento em apenas 10 dias e corre para a universidade local para testar seu vasto conhecimento recém adquirido. "Grande decepção!", afirma ele em seu livro mais tarde. "Não conseguia entender uma única das palavras dirigidas a mim."

Sem desanimar, François retorna à solidão de seu quarto, dessa vez decidido a decorar os radicais e as declinações do alemão, e redecorar a gramática e os verbos irregulares. Qual nada! O resultado acaba sendo o mesmo que o anterior. Ao longo daquele ano que havia reservado para se dedicar ao aprendizado de alemão, François decorou livros, traduziu Goethe e Schiller, e chegou a decorar 30.000 palavras de um dicionário de alemão, tudo isso no isolamento de seu quarto, e tudo resultando sempre no mesmo desastre: sua incapacidade de se comunicar com o povo alemão. Por mais que acumulasse informações e adquirisse conhecimento a respeito do idioma, sua habilidade de funcionar na sociedade alemã não saía da estaca zero. Ao final de um ano, tendo experimentado na própria carne a ineficácia do método tradicional, François não vê outra alternativa senão a de encarar o fracasso e retornar para casa.

A história de François, entretanto, tem um final parcialmente feliz. Ao retornar, ele descobre que seu sobrinho de 3 anos de idade, durante sua ausência, havia passado pelo milagroso processo de aprender a falar, transformando-se de um nenê sem expressão verbal em um verdadeiro conversador em francês. Como seria isso possível? Como é que uma simples criança sem conhecimento nem experiência consegue com tanta facilidade aquilo que ele, homem letrado e experiente, havia tentado com uma segunda língua e fracassado?

*(Gouin, François. The Art of Learning and Studying Foreign Languages, 1880, from Brown, 43)*  
*(Minha tradução)*

## • UMA HISTÓRIA HOJE COMUM

Duas pessoas idênticas, com a mesma idade, mesmo talento para línguas e mesma motivação, resolveram aprender inglês. Uma foi matriculada num bom curso de línguas, e a outra foi para um país de língua inglesa para morar com uma família e lá se envolver com qualquer atividade. Dois ou três anos depois, entrevistamos aquele que estudou diligentemente no curso de línguas. Ele provavelmente dirá (já ouvi isso muitas vezes):

*- A escola é boa, já terminei o Livro X e aprendi muito vocabulário, gramática ... Mas, não sei não, eu tenho um problema, me sinto muito trancado. No contato com norte-americanos, me limito a responder perguntas. Não tenho coragem de puxar um assunto. Quando ligo a televisão na CNN, não entendo nem a metade. Em reuniões com estrangeiros, só me manifesto quando a palavra é dirigida a mim; tenho dificuldade em defender meus pontos de vista, contra-argumentar. Aquelas situações do livro que eu praticava na sala de aula parecem nunca ocorrer na minha realidade.*

**Diagnóstico:** Os anos de tempo e o dinheiro investidos numa escola que enfatiza [learning](#) e adota uma marcha predeterminada atrelada a um plano didático de lições e livros, acompanhado de exercícios repetitivos, resultaram em um conhecimento parcial e memorizado a respeito do idioma, o qual entretanto o aluno tem dificuldade para transformar em habilidade

a respeito do idioma, o qual entretanto o aluno tem dificuldade para transformar em habilidade funcional. Habilidade truncada; carência de espontaneidade; não consegue pensar em inglês. Autoconfiança parcialmente destruída pela preocupação com a forma correta e por uma certa dose de frustração e sentimento de inferioridade. Vontade de parar por algum tempo.

Entretanto, quando entrevistamos aquele que acabou de retornar do país de língua inglesa, depois de 6 ou 12 meses de convívio numa cultura estrangeira, vemos que ele fala com naturalidade, desenvoltura e fluência. Pensa em inglês e se sente à vontade na presença de estrangeiros. É uma pessoa que onde ouve inglês sendo falado, é com ele mesmo: tem satisfação de mostrar esta habilidade já adquirida. Facilmente consegue trabalho, inclusive como instrutor em cursos de inglês menos exigentes. Enquanto tiver contato com o idioma, continuará a desenvolver sua habilidade, de forma auto-suficiente.

Se a ele perguntarmos (já que é tão bom em inglês): - *Afinal, quando é que se usa o Perfect Tense e quando o Simple Past*, ou se lhe perguntarmos para explicar melhor os tais de verbos modais, ele responderá: - *Não me pergunta uma coisa dessas, eu não sei nada; nunca estudei isso, eu só sei é falar.*

**Diagnóstico:** Pouco ou nenhum conhecimento a respeito do idioma, porém pleno domínio sobre o mesmo adquirido através de interação humana em ambiente de cultura estrangeira (*acquisition*). Sua habilidade pode facilmente ser transformada em conhecimento gramatical. Alto grau de desembaraço e autoconfiança. Sentimento de realização e auto-suficiência. Forte vontade de continuar. Inglês sempre fará parte de sua vida.

## HISTÓRIA DO ENSINO DE LÍNGUAS

As duas histórias acima ilustram a evolução da metodologia de ensino de línguas.

Muitas teorias sobre aprendizado e ensino de línguas já foram propostas, sempre diretamente influenciadas por duas ciências: a lingüística e a psicologia. As abordagens ao ensino de línguas se sucedem ao sabor das tendências de cada época, e podem ser resumidas a três movimentos importantes:

### **Grammar-Translation:**

Desde o século 18 até meados do século 20 (e até hoje na maioria das escolas de ensino médio) a metodologia predominante foi sempre tradução e gramática. Esta abordagem é calcada na idéia de que o aspecto fundamental da língua é sua escrita, e de que esta é determinada por regras gramaticais. Teve sempre como objetivo principal explicar a estruturação gramatical da língua e acumular conhecimento a respeito dela e de seu vocabulário, com a finalidade principal de se estudar sua literatura e traduzir. A metodologia de tradução e gramática foi muito usada até meados do século 20, quando começou a cair em descrédito devido à sua ineficácia em produzir qualquer habilidade oral.

### **Audiolingualism:**



O primeiro grande movimento em oposição ao método tradicional de gramática e tradução ocorreu por volta dos anos 50, quando o behaviorismo de Skinner na área da psicologia e o estruturalismo de Saussure na área da lingüística estavam na moda. Os lingüistas de então passaram a valorizar a língua na sua forma oral. Sustentavam que o aprendizado de línguas estaria relacionado a reflexos condicionados, e que a mecânica de imitar, repetir, memorizar e exercitar palavras e frases seria instrumental para se alcançar habilidade comunicativa. Esta visão acabou dando origem aos métodos áudio-orais e audiovisuais,

baseados em automatismo e atrelados a planos didáticos tipo Livro 1, Livro 2, etc. Tais métodos não dependem de instrutores realmente proficientes na língua estrangeira, sendo fáceis de serem montados e baratos de serem mantidos, sendo por esta razão até hoje bastante populares em cursinhos de inglês no Brasil. Com o declínio do prestígio da metodologia áudio-lingüística, alguns

cursos retornaram parcialmente ao método de tradução e gramática, acrescentando livros de exercícios escritos a seus programas.

### ***Natural or Communicative Approaches (o construtivismo no ensino de línguas):***

A primeira história demonstra um fato quase evidente, porém nem sempre consciente: que de todas as áreas de desenvolvimento humano, habilidades físicas, musicais e lingüísticas são as que mais dependem de prática e menos de teoria. Este fato, que na primeira história havia deixado François Gouin perplexo, acabou levando um século para ser cientificamente explicado e iniciar uma nova tendência na metodologia de aprendizado e ensino de línguas.

A partir dos anos 70 e 80, surgem novas teorias nas áreas da lingüística e da psicologia educacional. [Piaget](#) e [Vygotsky](#), pais da psicologia cognitiva contemporânea, já haviam proposto que conhecimento é construído em ambientes naturais de interação social, estruturados culturalmente. Cada aprendiz constrói seu próprio aprendizado baseado em experiências de fundo psicológico resultantes de sua participação ativa no ambiente.

[Noam Chomsky](#), por sua vez, revoluciona a lingüística nos anos 60 afirmando que língua é uma habilidade criativa e não memorizada. Ao ressaltar o aspecto criativo das línguas, ele nega importância tanto ao ensino tradicional de línguas, baseado no estudo de regras gramaticais prescritivas e ditadas de fora, quanto na metodologia de repetição e memorização. O conceito de certo e errado cede lugar ao conceito de aceitável e inaceitável, baseado no desempenho de um representante nativo da língua e da cultura. Desta forma, o aprendizado de línguas passa a ser visto como competência intuitivamente construída e adquirida. Mais recentemente as idéias de Chomsky passaram a inspirar a metodologia de ensino de línguas na direção de uma abordagem humanística baseada em comunicação e intermediação de um facilitador carismático, e com participação ativa do aprendiz.

Em 1985 o norte-americano [Stephen Krashen](#) traz ao ensino de línguas as teorias de Chomsky, Piaget e Vygotsky, e estabelece uma clara distinção entre estudo formal e assimilação natural de idiomas, entre informações acumuladas e habilidades desenvolvidas, redefinindo os rumos do ensino de línguas.

Em seu livro (*Principles and Practice in Second Language Acquisition*) Krashen define os conceitos de [language learning](#) e [language acquisition](#) e conclui que proficiência em língua estrangeira não é resultado de acúmulo de informações e conhecimento a respeito de regras gramaticais. Leva-nos à conclusão de que línguas são difíceis de serem ensinadas, mas serão aprendidas se houver o ambiente apropriado, uma vez que o aprendizado de um idioma se dá pela assimilação subconsciente de seus elementos (pronúncia, vocabulário e gramática) em contextos sociais. Krashen aponta também para a conclusão de que o ensino de línguas eficaz não é aquele que depende de receitas didáticas em pacote, de prática oral repetitiva, ou que busca apoio de equipamentos eletrônicos e tecnologia, mas sim aquele que explora a habilidade do instrutor em criar situações de comunicação autêntica, naturalmente voltadas aos interesses e necessidades de cada grupo e cada aluno, que funciona não necessariamente dentro de uma sala de aula, que enfatiza o intercâmbio entre pessoas de diferentes culturas, e que dissocia as atividades de ensino e aprendizado do plano técnico-didático, colocando-as num plano pessoal-psicológico.

---

## REFERENCES

- Brown, H. Douglas** [Principles of Language Learning and Teaching](#). Prentice Hall Regents 1994
- Krashen, Stephen D.** [Principles and Practice in Second Language Acquisition](#). Prentice-Hall International, 1987
- Richards, Jack C.** and Theodore S. Rodgers - [Approaches and Methods in Language Teaching](#). - Cambridge University Press 1986